

CADERNO DE RESUMOS

III Simpósio Linguagem e Práticas Midiáticas - MidiAto 10 anos Crítica das Representações e Mediações

Escola de Comunicações e Artes da USP
23 e 30 de abril de 2019

Rosana de Lima Soares
Mayra Rodrigues Gomes
(organizadoras)

ISBN 978-85-7205-243-6

AUTORES

Aline Silva de Senzi, Andrea Limberto, Caio Lamas,
Cíntia Liesenberg, Eduardo Paschoal de Sousa, Eliza Bachega Casadei,
Fernanda Elouise Budag, Ivan Paganotti, Juliana Doretto,
Juliana Malacarne de Pinho, Mayra Rodrigues Gomes,
Nara Lya Cabral Scabin, Natalia Engler Prudencio,
Renata Carvalho da Costa, Rosana de Lima Soares, Sílvio Anaz,
Sofia Franco Guilherme, Thiago Siqueira Venanzoni,
Viviane Garbelini Cardoso

Expediente

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-Reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

Diretor da ECA-USP: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Vice-Diretora da ECA-USP: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

Expediente da publicação

Editora: Escola de Comunicações e Artes da USP

Organização: Rosana de Lima Soares e Mayra Rodrigues Gomes

Revisão e padronização: Andrea Limberto

Projeto gráfico: Juliana Doretto

Diagramação: Fernanda Elouise Budag e Eduardo Paschoal de Sousa

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

S612

Simpósio Linguagem e Práticas Midiáticas – MidiAto 10 anos: crítica das representações e mediações (3. : 2019 : São Paulo)
Caderno de resumos [recurso eletrônico] / Rosana de Lima Soares, Mayra Rodrigues Gomes (organizadoras) – São Paulo : ECA/USP, 2019.
65 p.

Trabalhos apresentados no Simpósio realizado dias 23 e 30 de abril de 2019, Escola de Comunicações e Artes da USP, São Paulo.
ISBN 978-85-7205-243-6

1. Meios de comunicação de massa - Congressos 2. Multimeios – Congressos
3. Crítica I. Soares, Rosana de Lima II. Gomes, Mayra Rodrigues

CDD 21.ed. – 301.161

Elaborado por: Sarah Lorenzon Ferreira CRB-8/6888



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Está autorizada a reprodução parcial ou total desta obra desde que citada a fonte
Proibido uso com fins comerciais

Tensionamentos discursivos e a circulação crítica de *Cidade dos homens*

Eduardo Paschoal de Sousa, ECA-USP¹

Nara Lya Cabral Scabin, ECA-USP²

Resumo: O presente artigo busca refletir sobre os tensionamentos de discurso presentes na série *Cidade dos homens* em suas duas últimas temporadas (2017 e 2018). Analisa também a circulação crítica da obra em redes sociais e a influência desse diálogo entre produção e recepção nas alterações narrativas que a série passa entre um ano e outro, o que poderia representar uma interrupção na continuidade do enredo estabelecido nas primeiras temporadas (de 2002 a 2005) e mantido em 2017, frente ao que foi construído em 2018.

Palavras-chave: Discurso; crítica; mediação; televisão; produção seriada.

Buscamos, neste trabalho, compreender como se dá o processo de mediação – entendida como interpretação/tradução/transformação – em jogo nas manifestações em torno da recepção das temporadas de 2017 e 2018 da série *Cidade dos homens*, considerando para isso tanto críticas jornalísticas quanto publicações por parte do público em redes sociais. Nesse sentido, refletimos sobre a possibilidade de materialização de lugares de crítica a partir do quais se possam ler produções televisivas por meio da análise comparativa das mediações construídas na esfera do jornalismo profissional, de um lado, e entre a audiência não especializada, de outro. Considerando que a série em foco tematiza, a princípio, a vida de indivíduos periféricos, interessa-nos ainda discutir a possibilidade, por parte das instâncias de crítica, de engajar-se na construção de caminhos para a avaliação da legitimidade da representação do outro.

O conceito de *mediação* será aqui tomado a partir de Couldry (2008) e Silverstone (2002), ou seja, será entendido em referência a processos múltiplos de transformações e negociação cultural. O que propomos focalizar, portanto, é a “heterogeneidade das relações e das transformações emergentes da relação midiática” (COULDRY, 2008). Ao lado desse referencial, mobilizamos também conceitos da Análise do Discurso (AD), já que, quando falamos em mediação, pensamos em um trabalho de decifração – decodificação e recodificação – que se faz em face da espessura da linguagem, o que coloca as questões da representação/poder, do diálogo social, dos sentidos mobilizados na codificação/recodificação de significados, do quadro de referências culturais que influenciam a recepção dos enunciados

¹ eduardopaschoals@gmail.com

² nara.cabral@usp.br

mediáticos, sua ressignificação e as ações conduzidas a partir deles, em suma, dos valores e dos conceitos que balizam a relação estabelecida pelos indivíduos com as mídias e entre os indivíduos a partir dos significados providos midiaticamente.

Entendemos, dessa forma, que um elemento importante dos processos de mediação diz respeito aos discursos que atravessam os lugares de fala dos sujeitos, influenciando tanto a recepção, quanto a resposta a conteúdos veiculados midiaticamente. Embasamo-nos para tal nas proposições de Dominique Maingueneau em *Gênese dos discursos* (2008). Para o teórico da AD francesa, uma formação discursiva corresponde a um “sistema de restrições de boa formação semântica” e opõe-se à superfície discursiva, que diz respeito ao “conjunto de enunciados produzidos de acordo com esse sistema”, isto é, o sistema de restrições da formação discursiva (MAINGUENEAU, 2008, p. 20). Já o conceito de *discurso* faz referência à relação que os conceitos de “formação discursiva” e “superfície discursiva”, aproximando-se do uso coloquial que fazemos desse termo. Em outros termos, o discurso, em Maingueneau (2008), diz respeito ao conjunto virtual de enunciados que podem ser produzidos a partir das restrições de uma formação discursiva dada.

Se o jogo das restrições que definem a “língua”, a de Saussure e dos linguistas, supõe que não se pode dizer tudo, o discurso, em outro nível, supõe que, no interior de um idioma particular, para uma sociedade, para um lugar, um momento definidos, só uma parte do dizível é acessível, que esse dizível constitui um sistema e delimita uma identidade (MAINGUENEAU, 2008, p. 16).

O foco principal do analista do discurso, para Maingueneau, deve ser a compreensão da *semântica global* de um discurso, cuja determinação advém das restrições da formação discursiva à qual se vincula cada discurso. Nas palavras do autor, “Um procedimento que se funda sobre uma semântica “global” não apreende o discurso privilegiando esse ou aquele dentre seus “planos”, mas integrando-os todos ao mesmo tempo, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação” (MAINGUENEAU, 2008, p. 75). Ao mesmo tempo, a unidade de análise deve ser não um discurso considerado de maneira isolada, mas sim, o *interdiscurso*, uma vez que a heterogeneidade é constitutiva de todo discurso. O Outro, segundo Maingueneau (2008), está presente no Mesmo independentemente de qualquer forma de alteridade marcada, de modo que a interdiscursividade é fundamental à intradiscursividade

Maingueneau (2008), portanto, oferece-nos um arsenal teórico particularmente relevante à análise das mediações: para ele, o próprio discurso é fruto de negociações inevitáveis com uma alteridade fundante. Além disso, ao destacar o interdiscurso como espaço privilegiado de análise, o autor coloca no cerne de suas preocupações um espaço de mediação. Traz à tona, dessa forma, as questões da indissociabilidade entre identidade e

alteridade discursiva e permite considerar o transitar entre discursos polêmicos como um processo de *tradução*.

Reconhecer este tipo de primado do interdiscurso é incitar a construir *um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro* [grifos do autor]. No nível das condições de possibilidade semânticas, haveria, pois, apenas um espaço de trocas e jamais de identidade fechada. Esse ponto de vista vai na direção contrária à adotada espontaneamente pelos enunciadores discursivos; estes, longe de admitir esse descentramento radical, reivindicam, de fato, a autonomia de seu discurso (MAINGUENEAU, 2008, p. 36).

A partir das manifestações em torno das duas temporadas mais recentes de *Cidade dos homens* expressas em diferentes espaços de circulação de sentidos, esperamos compreender quais os (inter)discursos mobilizados na apreciação crítica da série, em face de que discursividade são lidas as representações nela presentes e quais são as mediações – traduções/negociações – discursivas que operam na recepção da obra. No caso desta série específica, iniciada em 2002, produzida até 2005 e depois interrompida por vários anos, mostra-se relevante investigar as reações do público e de críticos profissionais frente às temporadas de 2017 e 2018 da série, após tantos anos de pausa: para além das vinculações afetivas da audiência em relação aos personagens, cabe verificar como se dá a recepção em face da tessitura de novos discursos em circulação.

Cabe considerar, nesse sentido, a televisão como *forma cultural*, conforme define Raymond Williams (2016), uma mídia que permite uma certa ordenação da experiência cultural, reconfiguradas em um único espaço, que compartilha o ambiente social na esfera doméstica. Sobre a obra de Williams, Marcio Serelle (2016) comenta que o fenômeno de *fluxo*, apontado pelo teórico para o entendimento da programação televisiva, deve ser relativizado nas suas formas contemporâneas, como as séries, por exemplo, mas que ainda assim essa mídia representa uma síntese das formas da cultura.

Assim, uma questão que pode ser desde o início levantada diz respeito à possível modulação das críticas do público e de críticos profissionais pela emergência e crescente visibilidade, na contemporaneidade, dos discursos de reconhecimento – os quais participam do que Nancy Fraser (2006) denomina como *novo imaginário político*.

Paralelamente, a investigação das manifestações em torno da recepção de *Cidade dos homens* permite-nos discutir a hipótese de que as profundas mudanças narrativas verificadas entre as temporadas de 2017 e 2018 podem estar ligadas a uma eventual recepção negativa da temporada de 2017 por parte do público e dos críticos. Essa recepção, aqui entendida como um conjunto de interpretações que se colocavam em conflito frente à série, criticava

explicitamente a representação das figuras sociais em tela, como se o produto televisivo ainda mantivesse um aspecto de imobilidade social da favela e do asfalto, aspecto que foi amplamente tematizado pelo cinema brasileiro anos antes – como em *Cidade de Deus* (Fernando Meirelles e Kátia Lund, 2002), que de certa maneira inspirou a existência e as representações da série.

Na temporada de 2017, as tramas de Laranjinha e Acerola, protagonistas da série, são continuadas, e agora retratadas a partir de seus filhos, Davi e Clayton. As questões trabalhadas pelo arco dramático dos episódios parecem continuar com a estrutura das primeiras temporadas, conduzidas mais de uma década antes: os conflitos privados se estendem ao público, buscando uma relação entre a vida dos personagens e conflitos sociais e políticos, como logo no primeiro episódio, em que o filho de Laranjinha necessita de uma cirurgia para tratar um problema de coração e há a dificuldade de se conseguir esse tipo de tratamento especializado na rede pública de saúde.

Há uma proliferação das sequências de retrospecto das temporadas anteriores, que ocupam grande parte dos episódios – no quarto, temos a reconstituição do primeiro episódio da primeira temporada, de 2002, em que os protagonistas sofrem para conseguir levar um remédio para a avó de Laranjinha, entremeado por conflitos entre tráfico e polícia. A repercussão crítica da temporada de 2017 problematiza exatamente esses grandes trechos de *flashback* e a aparente ausência de mobilidade social e mudança da vida privada dos protagonistas, como se tudo não passasse de uma continuidade de suas vidas pregressas, ou seja, como se o contexto político e social permanecesse o mesmo, sem alterações na esfera pública, conforme aponta o crítico Henrique Haddefinir, do site Omelete³:

A nova rotina de uma comunidade depois de mais de uma década passada não vira assunto nesse retorno. Tiros, mortes, coincidências e aquele velho toque de lúdico estão lá, mas tudo é ligeiramente superficial, já que se espreme em quatro episódios que priorizam o passado (HADDEFINIR, 2017).

Na segunda fase da nova leva de episódios, em 2018, isso parece ter sido levado em conta. O contexto de alteração na dinâmica social da comunidade fictícia carioca, que deveria se modificar à maneira das comunidades reais da mesma cidade, em uma distância temporal não tão pequena, parece ter sido considerado na composição da dinâmica dos personagens, e de novos elementos presentes na narrativa. Dois deles são emblemáticos: o retorno da mãe do filho de Laranjinha, que retorna à trama como uma ex-funkeira de sucesso, que conseguiu uma projeção midiática e financeira e se afastou da comunidade; e de um amigo antigo dos

³ Crítica “Cidade dos homens – Relançamento da série se preocupa demais em recuperar o passado”, do site Omelete. Disponível em: <https://bit.ly/2SL6VxO>. Acesso em: 04 nov. 2018.

protagonistas, que nas primeiras temporadas aparece como um garoto surfista de classe média e que, agora, é professor na escola pública onde estudam os filhos de Laranjinha e Acerola.

Levando em conta a estética realista e verossímilante proposta pela série, esses elementos contextuais deveriam estar presentes desde o seu retorno, segundo boa parte da crítica. Em reportagem no jornal *Folha de S. Paulo*⁴, o jornalista Sidney Gonçalves do Carmo destaca que o retorno de *Cidade dos homens* para a temporada de 2018 se deu com “bala perdida e reencontro de amigos”. Esse reflexo do que seria a realidade do país está presente também no discurso de um dos atores da série, Darlan Cunha, que interpreta Laranjinha na série. Na mesma reportagem, ele diz que a série retrata o que aquela população fluminense passa na atualidade: “Os roteiros vêm bem definidos e com assuntos que a gente tem vivido ou acompanhado pela televisão”.

Embora Jesús Martín-Barbero (1997) aborde especificamente a telenovela, podemos traçar paralelos entre suas ponderações sobre a estrutura aberta desse gênero e a série aqui em foco: a permeabilidade do enredo e a confusão da narrativa com a vida, apontadas pelo autor como características marcantes da telenovela latino-americana, materializam-se também na concepção de outros produtos televisuais e podem representar aspectos decisivos à compreensão das conexões entre a recepção crítica de *Cidade dos homens*, suas ressignificações e modificações na tessitura da obra.

Referências

- JOST, F. **Seis lições sobre televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- HAMBURGER, E. **O Brasil antenado: a sociedade da novela**. São Paulo: Zahar, 2005.
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar, 2005.
- MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.
- SERELLE, M. A televisão como meio híbrido no pensamento de Raymond Williams. **Significação – Revista De Cultura Audiovisual**. 43(45), 187-199, 2016.
- WILLIAMS, R. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. São Paulo: Boitempo, 2016.

Eduardo Paschoal de Sousa

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da ECA-USP (bolsista Fapesp), mestre em Meios e Processos Audiovisuais e graduado em Comunicação Social (Jornalismo) pela mesma instituição. É integrante do grupo de pesquisa MidiAto – Grupo de Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas (ECA-USP).

⁴ Reportagem “‘Cidade dos Homens’ retorna com bala perdida e reencontro de amigos”, de 31 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2Qh8K3G>. Acesso em: 04 nov. 2018.



Nara Lya Cabral Scabin

Doutoranda em Ciências da Comunicação pela ECA-USP (bolsista Capes), mestra em Ciências da Comunicação e graduada em Comunicação Social (Jornalismo) pela mesma instituição. Docente dos cursos de Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (UAM). Integrante do MidiAto – Grupo de Estudos de Linguagem: Práticas Midiáticas (ECA-USP).